Autor: Rafael Gonçalves Pereira

Email: raffgp80@hotmail.com

Curso: Mestrado em Ciências da Religião - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Linha de pesquisa: Linguagens da Religião

Instituição de Ensino: Universidade Metodista de São Paulo

Período: 1º

RESUMO EXPANDIDO

TÍTULO: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL

O presente resumo visará propor uma noção inicial da elaboração da dissertação, iniciando numa introdução breve sobre o pensamento de Abraham Joshua Heschel e seu conceito de "*pathos* divino", que ele disserta em sua obra "*The prophets*"[1]. Esse autor será analisado na pesquisa e, o presente resumo será um trecho de um provável capítulo — que está em desenvolvimento. O ser humano tem por suas necessidades buscar como forma de felicidade o seu bem-estar, deseja sempre ser o melhor, e ter o melhor. Ele procura por algo que lhe preencha, que o faça ser realizado por completo, mas nessa procura intensa há uma desfiguração, pois, o homem vai perdendo a cada dia um pouco de si e tornando-se um pouco de cada coisa que busca. É com base nesta situação que o filósofo Abraham Joshua Heschel nos convida a um retorno ao sagrado.

No século XX, a sociedade, o homem moderno, pouco buscava um sentido para a vida, causa ou conceitos existenciais, mas apenas seguia um caminho de fórmulas, regras e probabilidade que lhe realizasse. A sociedade moderna enfatizava a produção das indústrias e do mercado (frutos da revolução industrial), através dos quais visava apenas o progresso e crescimento da produção, tanto na economia quanto no comércio, sem importar os meios para consegui-los. É uma época em que ser ou ter "o melhor" ressoa a todo instante nos ouvidos Impulsionando os homens a buscar o primeiro lugar em tudo mesmo sem pensar nas consequências e no outro. É o tempo de ter, de acumular bens, em que aquilo que se tem diz muita coisa do que se é, e do que poderá influenciar no meio em que se vive. Assim igualmente é a busca pelo poder, tanto o poder de dominação que oprime o outro através do dinheiro, quanto

[1] A obra de maior referência de Heschel — publicado em 1962, resultado de sua tese de doutorado — segundo a cronologia apresentada por HAGAN, Glória. *Filosofia do judaísmo em A. J. Heschel*, p. 140.

o poder de lutar para chegar ao ponto mais alto, sem medir as consequências, sem ver onde pisa, pois muitas vezes esses lugares que se pisa são pessoas que para alguns "servem" de degraus, de escada para chegarem ao seu destino. O mundo está marcado por pessoas que buscam se encontrar com algo que, às vezes, nem elas mesmas sabem o que é, mas que por muitos é chamada de "força transcendental", "energia positiva", que traz "boas energias" que levanta o astral e os conduz aos caminhos da verdade. A sociedade *pós-moderna* fundada com base no capitalismo e consumismo faz nascer um 'novo homem', uma nova forma de sujeito, no qual ele é sempre capaz de produzir e consumir tornando-o mais ainda um sujeito que não pensa em Deus e muito menos necessita Dele. No capítulo anterior, vimos um pouco das ideologias da modernidade: As ideologias do capitalismo avançado, o socialismo e o progresso que tiram do homem aquilo que em outra ocasião era um desejo primeiro seu; a busca pelo absoluto ou o se encantar com as maravilhas que o mundo tinha para oferecer, pois nele não há mais essa vontade pelo maravilhar do mundo, mas uma vontade apenas de conhecer para usufruir como objeto de experiência.

Esse pensamento e forma de vida que nos rodeia nos dias de hoje como forma "ideal de vida" foi o ponto fundamental para o filósofo judeu Abraham Joshua Heschel que no século XX construiu suas críticas e sua filosofia (tendo por base sempre a pessoa humana e suas relações) tanto à relação do homem moderno com os problemas da sociedade quanto à relação do homem com o transcendente[2].

Essa forma de pensar do homem moderno e adesão massificada do pensamento ateu foi o que levou Heschel a propor sua filosofia. A proposta de Heschel é um *pensamento situacional* ou *teologia profunda* o qual supõe uma experiência interior e procura, antes de tudo, compreender os problemas que envolvem a existência real de quem está filosofando. Diferente da *filosofia conceitual* (conhecimento conceitual) que exige objetividade e abstração das condições do próprio sujeito que filosofa. No conceitual, o filósofo é um expectador, no situacional, é uma testemunha comprometida.[3]

---

[2] A obra filosófica e religiosa de Abraham Joshua Heschel (1907 – 1972) é um convite ao reencontro existencial e ao espanto radical com o mistério profundo que, segundo o filósofo, é o tecido da vida. Heschel convida o homem moderno a dar um salto existencial, de modo a abrir-se para o encontro a Presença Divina. É nesse aspecto de sua obra que ele expõe de modo mais nítido suas origens hassídicas". LEONE, Alexandre G. *A Oração como Experiência Mística em Abraham J. Heschel*.

[3] "Há dois tipos de pensamentos: aquele que tem relações com os conceitos e aqueles que tem relações com situações. [...] Pensamento conceitual é um ato da razão; pensamento situacional envolve uma experiência interior; emitindo um julgamento acerca de um problema, a própria pessoa está sob julgamento. O pensamento conceitual é adequado quando estamos empenhados num esforço para aumentar nosso conhecimento acerca do mundo. Pensamento situacional é necessário quando estamos empenhados num esforço para compreender os problemas sobre os quais delimitamos toda nossa existência." (HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 17).

> Heschel denominava sua obra uma filosofia da Religião; mais particularmente, uma filosofia do judaísmo. Não entendia porém a filosofia num sentido limitado, de um estudo do fenômeno religioso exclusivamente do ponto de vista racional.[4]

Heschel ao morrer não deixou de certo modo nenhum discípulo para dar continuidade seu pensamento, mas em todos os seus trabalhos sejam ele em ações no meio do povo ou através de seus escritos nos deixou uma perspectiva de como há essa relação entre homem e Deus à relação que no mundo moderno já não se pensava mais. No livro *Deus em busca do homem*, Heschel nos mostra que nessa busca do homem por Deus ele se depara com a capacidade que o homem tem de buscar a Deus e de tentar descobrir o mistério que tem por trás desse nome *Inefável*, mas descobre que só há essa disposição porque Deus se revela como um Deus que vem primeiro em busca do homem.

> Revelação não é um ato que ele procura, mas a que seu ser aspira, um ato de Deus em busca do homem. O profeta não tateia à procura Deus. A procura de Deus pelo homem, não o homem a procura de Deus, é o que o se imagina ser o principal evento da história de Israel. Isto está no âmago de todos os conceitos bíblicos: Deus não é um ser separado do homem e que deve ser procurado, mas um poder que busca, segue e apela ao homem. O caminho para Deus é um caminho de Deus. A religião de Israel originou-se por iniciativa de Deus, mais propriamente do que pelos esforços do homem. Não foi uma invenção do homem, mas uma criação de Deus; não um produto da civilização, mas seu próprio domínio. O homem não teria conhecido Deus se não tivesse ele se aproximado do homem. A relação de Deus com o homem precede a relação do homem com ele.[5]

Heschel, sendo judeu, trabalha essa relação do homem com Deus na perspectiva da Revelação na história e nos eventos que ocorreram ao longo de toda história do povo judeu. O princípio básico do judaísmo é a unicidade absoluta de Deus como Criador, Onipotente, Onisciente, Onipresente, que influência todo o universo, que não pode ser limitado.

Mesmo sendo um Deus sem limites, tão grande e incapaz de ser enquadrado as categorias da inteligência humana vem ao encontro da humanidade. Heschel procura fazer uma filosofia dessa experiência, uma filosofia com base não apenas em meros acontecimentos e muito menos tenta rebaixar a filosofia a esses conceitos de experiência particular da sua religião, mas, antes de tudo, fazer uma análise filosófica desses eventos:

> O judaísmo não procura fazer subordinar a filosofia a eventos, verdades infinitas a uma história particular. Antes, tenta indicar um nível de realidade onde os eventos são as manifestações de normas divinas, onde história é

---

[4] ZAMITH, em *Deus em busca do homem*. p. 6.
[5] HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 253.

> interpretada como o cumprimento da verdade. O significado da história é nossa profunda preocupação. É difícil permanecer imune à premência da questão de onde viemos, onde estamos e para onde vamos.[6]

Heschel vai apresentar sua *filosofia situacional* e esta relação do homem com o "*transcendente"* a partir de suas experiências com Deus, experiências essas que estão nas Sagradas Escrituras, pois lá estão as suas experiências, os dramas, as fugas, as negações e as adorações de seu povo que teve e buscou ter um encontro com Deus. Heschel não só propõe uma *filosofia da Religião,* mas uma *filosofia do judaísmo* que procura a verdade. Heschel fará dessa relação de Deus com o homem, um estudo aprofundado, pois é sempre necessário que o homem renove a forma de pensar o conhecimento dessa relação e isso será um processo de interpretações dos eventos cujo tema iremos abordar mais profundamente a seguir.

> Os incidentes registrados na Bíblia são, para os olhos sagazes, episódios de um grande drama: a busca de Deus pelo homem; sua busca pelo homem, e a fuga do homem da presença de Deus. O judaísmo é uma *linha de pensamento,* não apenas um modo de vida. E esta é uma de suas premissas principais; a fonte de verdade não é encontrada em "um processo revelado eternamente no coração do homem", mas unicamente nos eventos que acontecem em momentos particulares na história. Não há sucedâneos para revelação, ou para eventos proféticos. O pensamento judaico não se orienta por ideias abstratas, por uma moralidade generalizada. Aprendemos, no Sinai, que valores espirituais não são, apenas aspirações para nós, mas uma resposta a um apelo transcendente que nos é dirigido.[7]

O método usado por Heschel em todo o seu trabalho é o método que ele chama de *pensamento situacional* ou *filosofia situacional*. É uma filosofia que parte da realidade em que o sujeito se encontra inserido. Esse estar inserido, ter uma experiência (se relacionar com as coisas), juntamente com o uso da razão, para Heschel, será a base para o conhecimento, e se tratando de Deus, será base ao possível conhecimento de Deus.

Heschel inicia sua crítica ao mundo moderno e ao analisar a modernidade percebe que mesmo uma criança com sua inocência poderá compreender que a sociedade está à beira de uma crise a caminho do abismo.

Em torno do pensamento de Heschel está uma análise acerca da alienação do homem moderno e a perda da responsabilidade da religião. O resultado do relativismo intelectual ou da obsolescência da religião tradicional, o fracasso do homem moderno para recuperar o conhecimento e experiência de que a dimensão da realidade em que o encontro

---

[6] HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 260.
[7] HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 252.

divino-humano pode ter lugar. Sua filosofia da religião tem, portanto, um duplo objetivo: forjar as ferramentas conceituais pelas quais se pode abordar adequadamente esta realidade, e evocar no homem moderno o retorno ao relacionamento com o inefável e com isso o uso do seu pensamento ou filosofia situacional, isto é, pensamento que parte da situação em que alguém vive e está inserido sendo esse alguém religioso, profeta, filósofo, teólogo, ou seja, seu estado de vida é fundamental para sua análise.

O homem tornou-se cada vez mais insensível às catástrofes (misérias, sofrimentos, desastres). Ir ao encontro do outro tornou-se cada vez mais difícil, pois há por trás dos relacionamentos um interesse comercial que faz do ser humano um objeto de uso descartável e por consequência incapaz de sentir "simpatia" pelo o outro, pois para Heschel essa simpatia tem como finalidade estabelecer uma relação de reciprocidade entre o homem e Deus e entres os homens.[8] No livro "*Deus em busca do homem*", Heschel explica como é sua filosofia, seu tipo de abordagem, qual o seu pensamento a respeito de Deus e qual resposta do homem a esse Deus, e mais ainda, quando se deu início a ruptura do homem moderno com Deus.

Heschel propõe à sociedade moderna um retorno à sensibilidade, ao cuidado e que o homem retorne, de fato, ao encontro do outro, daquele que é mais necessitado. Heschel, de certo modo, põe essa responsabilidade nas mãos da religião, não uma religião movida por preceitos, mas uma religião comprometida com o outro e com suas necessidades.

> Quando a fé é absolutamente substituída pela profissão de fé, a adoração pela disciplina, o amor pelo hábito; quando a crise de hoje é ignorada por causa do esplendor do passado; a fé se torna mais propriamente uma herança tradicional do que uma fonte de vida; quando a religião fala mais pela autoridade do que pela voz da compaixão sua mensagem torna-se sem significado.[9]

Foi constatando essa falta de ir ao encontro do outro que Heschel percebeu o quanto a modernidade e suas ideologias não tinham mais abertura para Deus, ou melhor, 'Deus não tinha mais acesso ao homem', pois o homem que sempre foi um ser aberto ao transcendente não buscava mais esse ser *Inefável,* pois suas convicções e motivações se tornaram outras. Mas, como é que o homem terá acesso a esse Deus se este homem cheio de si não o busca mais? É esse o primeiro passo da questão. Não é o homem que por primeiro, com seu "saber e inteligência" vai ao encontro de Deus, mas sim é Deus que vai ao encontro do homem. "O interesse de Deus é desde o princípio. É devido ao divino interesse pelo homem que o homem

---

[8] Esse conceito de simpatia que Heschel usa para falar da relação entre Deus e os homens e os homens entre si está inserido nas obras de Heschel*: Deus em busca do homem, O homem à procura de Deus e O homem não está só.*
[9] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 15.

pode ter um interesse por Deus, que nós somos capazes de buscá-lo”[10]. Esse é o primeiro passo que Heschel nos mostra: para que o homem possa ter o conhecimento de Deus é Deus que vem ao encontro do homem. Desde o início da humanidade, houve esse interesse de Deus pelo homem e isso fica bem claro quando ouvimos o relato da Revelação de Deus da Bíblia. Deus é quem tem a iniciativa de criar o mundo, as plantas, os animais, etc., e por fim Deus cria o homem. É sempre por iniciativa de Deus que o vemos agindo e convocando o homem a ir ao seu encontro. Contudo, isto requer do homem, ao se deparar com Deus dar uma resposta e para Heschel a religião é uma reposta do homem a Deus. A religião é também uma resposta aos problemas fundamentais do homem[11]. Heschel falava isso não a respeito da religião como “instituição religiosa”, “seguimentos de leis”, mas a religião que fora chamada a interpretar a voz de Deus, nesse caso, sendo ele judeu, o judaísmo é responsável por isso.

Heschel fala que o judaísmo não é uma religião da razão apenas, pois se fosse só isso o descreveria como uma filosofia. E também não é somente uma cultura da experiência religiosa, o que tornaria um sistema psicológico. Ele tentou explicar o judaísmo como uma combinação de ambos os elementos, filosófico e experiencial.

> No primeiro sentido, filosofia do judaísmo é uma crítica do judaísmo; judaísmo como tema ou objeto de nosso exame. No segundo sentido, a filosofia do judaísmo tem significado comparável ao significado de uma frase como a filosofia de Kant ou a filosofia de Platão; judaísmo como uma fonte de ideias que tentamos entender.[12]

No espírito do judaísmo essa busca por Deus não significa buscá-lo como se nunca o tivesse encontrado, mas sim *teshuvah* que significa retorno e ao mesmo tempo resposta, pois retornar a Deus é dá uma reposta.

Heschel comenta que Deus, para os gregos, foi limitado a conceitos, perdendo com isso o sentido do inefável. Na modernidade o homem “conhece tudo”, não há nada mais para conhecer e se Deus não é conhecido positivistamente, logo ele não existe. Antes de tudo, o judeu tem esse conhecimento acerca de Deus pelo ato da Revelação. Deus que se revela ao homem dando a ele a capacidade de “conhecê-lo”. Mas não basta apenas ter consciência de um Deus que se revela como se apenas nesse ato de revelar-se fosse o suficiente para a compreensão de tudo a respeito Deus, pois a revelação é um ato de Deus ao homem, no qual ao longo do tempo essa experiência com Deus vai dando ao homem a capacidade de compreender.

---

[10] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 517.
[11] Cf: HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 15.
[12] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 40.

> O judaísmo é uma linha de pensamento, não apenas um modo de vida. E esta é uma de suas premissas principais: a fonte da verdade não é encontrada em "um processo revelado eternamente no coração do homem", mas unicamente nos eventos que acontecem em momentos particulares da história. Não há sucedâneos para revelação, ou para eventos proféticos. O pensamento judaico não se orienta por ideias abstratas, por uma moralidade generalizada. Aprendemos, no Sinai, que valores espirituais não são, apenas aspirações para nós, mas uma resposta a um apelo transcendente que nos é dirigido.[13]

Essa revelação para o judeu é uma grande responsabilidade, pois como sendo um povo escolhido por Deus tem a missão de adorar e mostrar sobre a terra a face desse Deus desconhecido, sem fazer dessa revelação um esgotamento da dimensão infinita de Deus. O povo judeu tem a preocupação de não pronunciar o nome de Deus, não porque queira tomar em vão o nome de Deus e com isso pecar contra o segundo mandamento, mas sim para não fazer de Deus um objeto de estudo como algo que está ali para satisfazer as necessidades do sujeito moderno e com isso limitar Deus a conceitos linguísticos. O propósito do judaísmo é cultivar a vida interior. O diálogo com Deus é a medida do nosso conhecimento. É pensando no diálogo com Deus que os judeus param no sábado, porque como seres humanos não somos só trabalho, precisamos fortalecer nossos laços afetivos com a família com os amigos, com a natureza e com Deus. O *Shabat* (sábado) não é apenas um descanso ou o convite para estar o dia todo na sinagoga, mas sim um chamado ao homem a fortalecer sua capacidade de se encontrar com os elementos que irão lhe fortalecer para mais uma jornada de trabalho realizações de seus planos e dos planos de Deus.

> Para o judaísmo, a religião não é um sentimento por algo que exista, mas uma resposta a Deus que requer de nós que vivamos de certo modo. É, em sua origem real, uma consciência de compromisso; uma realização de que toda vida não apenas a esfera de interesse do homem, mas também de Deus.[14]

Essa preocupação em fazer a vontade de Deus que o judeu recebe o convite de ir ao encontro do outro e se for preciso tem que deixar de lado o dogma mais precioso dos judeus o *Shabat* (salvar alma é quebrar o sábado para ajudar alguém) para ir de encontro e se fazer responsável pela causa do próximo.

> Nós negamos a primazia dos dogmas, não porque achamos que o judaísmo não tenha quaisquer crenças ou porque o judaísmo seja meramente um sistema de leis e observâncias, mas porque achamos que aquilo em que cremos se sobrepõe ao poder e âmbito da expressão humana.[15]

---

[13] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 252.
[14] HESCHEL, *Deus em busca do homem*. p. 368.
[15] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 418.

Tendo em vista a Revelação de Deus e a tentativa dos homens em querer interpretar a mensagem por Deus enviada, é que Heschel comenta que assim como o filósofo é chamado a fazer uma reflexão acerca das coisas, o profeta é a pessoa mais preparada para falar acerca de Deus. O profeta é o homem que por iniciativa de Deus, era escolhido e convocado a sair do seu lugar, da sua vida e ir ao encontro do outro e das necessidades do outro. Mesmo que ele não tivesse nenhuma participação direta com a missão a ele indicada, teria que ir e ser não apenas um anunciador daquilo que Deus falava, mas um membro participante das alegrias e tristezas do outro, exemplo disso foi Abraão, Moisés, Jeremias e muitos outros.

> Heschel sugere que o profeta, diferente de outros tipos de místicos, está profundamente ligado ao seu tempo participando geralmente de forma "crítica" de sua sociedade, sentindo, por meio de encontro com a divindade, inclusive na dimensão emocional desse encontro, a dor da sua época.[16]

O profeta não é um receptor passivo ou um instrumento de gravação, que afetado por Deus quis participar da missão dada por Ele. A personalidade do profeta é mais uma união de inspiração e de experiência íntima de invasão e de reação. Para cada coisa que se encontra fora dele, existe um sentimento dentro dele; para cada acontecimento da revelação para ele, existe uma reação dentro dele. Sua reação ao que lhe foi revelado transforma a revelação num diálogo. Num certo sentido, a revelação consiste de uma revelação de Deus e de uma co-revelação do homem. É de extrema importância à participação do profeta, pois a graça se manifesta não apenas no que ele foi capaz de dar, mas também no que foi incapaz de receber. É essa sensibilidade do profeta pela causa do outro que Heschel fala do "*pathos divino*" algo que está no fundo da consciência do profeta, pois o profeta conhece o querer de Deus não a essência de Deus, mas aquilo que Deus quer falar ao homem.[17] É nesse *pathos* (afetar-se) de Deus com o homem e o homem para com o outro que encontramos o Deus da revelação.

Para Heschel, há essa diferença entre os deuses dos gregos e o Deus que a Bíblia nos mostra e mais ainda a diferença do profeta e do filósofo grego em abordar a questão de Deus. Os profetas, ao contrário dos filósofos gregos, não estão preocupados com a questão metafísica, mas sim preocupados em ir ao encontro das necessidades dos homens de

---

[16] LEONE, *A imagem divina e o pó da terra.* p. 31.

[17] Esse termo usado por Heschel em seus estudos foi a base pra muitos outros filósofos falarem dessa aproximação de Deus e um desses filósofos foi Luiz Felipe Pondé. "A abordagem de Heschel é interessante para a nossa discussão porque ele usa o conceito geral de páthos divino na sua filosofia da religião. Esse conceito, estudado em sua tese de doutoramento sobre os profetas da Bíblia, seria o "fundo da consciência" do profeta (ou do místico), o lugar onde o místico está diretamente unido a Deus". PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia*: A filosofia da Religião em Dostoiévski. São Paulo: Editora. 34. p. 57. Disponível em: http://books.google.com.br. Acesso em: 16/08/13.

compreendê-los e de se fazer um com o povo, e se há no profeta alguma questão metafísica será uma questão sempre voltada principalmente para o ser do homem e suas ações. Deus age pelas palavras dos profetas que se deixam consumir por compaixão pelos seres humanos. Ao contrário do pensamento grego, que muitas vezes racional e distante de uma experiência, a mensagem dos profetas parte de um discurso situacional, isto é, parte de uma experiência de Deus. É esse pensamento situacional que passa toda filosofia de Heschel, ou seja, só posso falar com propriedade acerca de algo se eu estiver inserido, situado, nessa situação. Heschel não tem nada contra os gregos, critica de certa forma o cientificismo grego que trouxe essa crise que se vive hoje no mundo modernizado, pois houve um grande distanciamento entre pensar e agir, entre razão e prática, entre o *logos* (palavra) grego e a *dabhar* (palavra, ação, ordem) em hebraico. O profeta busca o conhecimento para reverenciar Deus. Já os gregos, buscam o conhecimento, a sabedoria humana, com intuito de reverenciar a si mesmos. Heschel não critica o conhecimento como algo bom, mas critica o conhecimento como cientificismo ou positivismo científico.

Ao contrário de muitos filósofos que tinham "acesso a Deus" por meio dos escritos de outros pensadores, Heschel tem como objeto de estudo a Bíblia, pois é lá que se encontra a relação entre o seu povo e Deus. É nessa experiência do povo judeu na Bíblia e em outros livros como o *Talmud* (estudo da Torá) e nas práticas litúrgicas que Heschel encontra espaço para "filosofar" acerca de Deus.[18] É por ter a Bíblia como objeto de estudo e como fonte principal para seus discursos que Heschel é tratado por alguns como teólogo, mas Heschel não se preocupa em fazer uma teologia e sim uma filosofia, pois ele usa dessa filosofia para ir ao encontro do outro, para servir ao outro independente de suas crenças sem se ligar aos dogmas, coisa que a teologia tem em seus estudos e discursos.[19] Mas, mesmo se Heschel fosse considerado um teólogo ele insistia que não seria apenas uma teologia, mas sim uma *teologia do profundo*, que não se prende aos dogmas e sim que vai em busca de fazer uma reflexão dos "eventos teológicos". Para Heschel, hoje há uma descrença na Bíblia e muito menos nas ações dos "profetas" que falavam e falam ainda hoje acerca de Deus; "contudo, procuraríamos em vão a Bíblia no recesso das metafísicas ocidentais. Os profetas estão ausentes quando os filósofos falam de Deus".[20] Há, na história da filosofia, uma valorização nos escritos de certos

---

[18] Cf: DI SANTE, *Liturgia Judaica:* Fontes, Estrutura, Orações e Festas.

[19] "O perigo dos dogmas está em sua tendência a servir como fé vicária, como se tudo o que nós tivéssemos que fazer fosse aceitar, sob autoridade, uma lista determinada de princípios sem a necessidade de buscar um caminho de fé." (HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 418).

[20] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 41.

filósofos que tentam fazer um estudo do que seria Deus deixando ausente uma experiência de vida dos profetas:

> O que queremos dizer pela ausência da Bíblia na história da filosofia não é respeito de referências ou citações; passagens escriturísticas têm encontrado, ocasionalmente, aceitação. O que queremos tornar significante é o espírito, o modo de pensar, a maneira de olhar para o mundo, para a vida; as premissas básicas a respeito da especulação acerca do ser, acerca de valores, acerca de significado. Abra-se alguma história da filosofia. Tales ou Parmênides lá estão; mas Isaías ou Elias, Jó ou Eclesiastes são sempre representados? O resultado de tal omissão é o que as premissas básicas da filosofia ocidental são derivadas antes do grego do que do pensamento hebraico.[21]

Há, na filosofia, uma tendência em negar a Bíblia como caminho que revela Deus aos homens. Negar esse conhecimento na Bíblia é negar a história de esforços e realizações espirituais no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, povos que têm na Bíblia não só nos escritos, mas na relação do homem com a própria "escritura viva" que é a Palavra de Deus. Não há nenhuma mente humana que seja capaz de compreender com suas próprias perspectivas, inteligência ou qualquer outro modo, de fazer o discurso verdadeiro falando: Isso é Deus ou aquilo ali é Deus. Compreende-se a Bíblia não como livro ou escritos filosóficos, um texto do qual se lê e tende-se a compreender segundo as categorias do intelecto, como dizia Kant, ou um conhecimento que parte do EU cartesiano, mas sim requer a necessidade do homem interagir com essa revelação. Mas, como chegar a esse conhecimento que vai além do mistério? A um Deus que vem em busca do homem, e da experiência humana com Deus através de sua resposta? Para chegar a esse conhecimento de Deus através da Bíblia requer um diálogo, uma aproximação, um interesse contínuo de Deus que se revela na Bíblia e o homem que busca constantemente ouvir esse Deus.

> A Bíblia é a expressão eterna de interesse contínuo; o clamor de Deus pelo homem. Não uma carta de alguém que enviou uma mensagem e permaneceu indiferente à atitude do endereçado. Não é um livro que deva ser lido, um drama do qual se participa; não um livro sobre eventos, mas o próprio evento, a continuação do evento, enquanto nosso ser envolvido nele é a continuação da resposta. O evento perdurará tanto quanto a resposta. Quando abrimos como se fosse um livro, permanece silencioso; como um poder espiritual, é uma voz.[22]

Dessa forma a Bíblia deixa de ser apenas palavra de Deus (a forma como Deus se revela), e passa a ser palavra de Deus e do homem; revelação de Deus e resposta do homem. Não é apenas saber que Deus em sua infinita bondade falou ao homem, mas a capacidade do

---

[21] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 41.
[22] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 320.

homem ter ouvido e compreendido que ali era a voz de Deus e não seus desejos e convicções. Uma capacidade de ouvir e ficar na sua presença. Para Heschel, essa interação entre Deus que fala e o homem que responde se dá na relação dos *insights* e na capacidade de suas interpretações. *Insight* é uma palavra composta por dois radicais. *In* que significa dentro e *sight* que significa visão, ou seja, *insight* quer dizer visão de dentro. É uma forma de estalo ou algo que penetra inesperadamente, trazendo em si uma realidade da qual necessita, em segunda instância, ser interpretado. Os *insights* fundamentais para o conhecimento são encontrados, como dizia Heschel, "não no nível do pensamento discursivo, mas no nível de uma perplexidade radical e maravilhosa, no temor íntimo, em nossa sensibilidade ao mistério, em nossa consciência do inefável".[23] Para Heschel, esses *insights* são peças chaves para se chegar à compreensão acerca de Deus. Diferente do pensamento científico ou conceitual que o caminho dessa realidade segue um silogismo fugindo da perspectiva de irmos além daquilo que se pode ver e sentir, de fórmulas e conceitos já pré-moldados e estabelecidos.

> O insight fundamental é o resultado dos momentos quando somos excitados além das palavras, dos instantes de admiração, temor, louvor, medo, tremor e perplexidade radical; da consciência de grandeza, de percepções que podemos compreender, mas somos incapazes de transmitir, das manifestações do desconhecido, dos momentos em que abandonamos a pretensão de entender o mundo, de conhecer pelo desconhecido. É no clímax de tais momentos que alcançamos a certeza de que a vida tem significado, de que o tempo é mais do que evanescência, de que além de todo ser existe alguém que se interessa por ele.[24]

Os *insights* dão ao homem essa capacidade de ir fundo nas descobertas do desconhecido. O homem é impulsionado a ir além daquilo que ele sentiu ou daquilo que ele está sentindo. Eles não são apenas momentos que vem até o homem e atrás em si todas as respostas necessárias como algo que permanece evidente para todos os momentos. Os *insights* fundamentas vão muito mais além disso; dão ao homem filósofo ou, no caso de Heschel, ao profeta, a capacidade de abstração dos eventos que constantemente requer uma análise dos tais eventos, pois os *insights* são como "lampejos" que vem e vão da mente humana.

> No pensamento conceitual, o que é claro e evidente em um momento permanece claro e evidente em todos os outros momentos. Insights fundamentais, por outro lado, são eventos, mais propriamente do que um estado permanente da mente; o que está claro em um dado momento pode estar em seguida obscuro. Conceito nós adquirimos e retemos. Nós aprendemos que dois mais dois são quanto, e uma vez que nos tornamos convencidos da validade desta equação, a certeza não nos deixará mais. [...]

---

[23] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 153.
[24] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 174.

> Lampejos de insight "vêm e vão, penetram e retrocedem, surgem e retraem-se".[25]

Olhando a importância dos *insights* para o conhecimento e sua dimensão, de certa forma subjetiva pessoal, pode-se fazer tal pergunta: Como os *insights* sendo eventos não físicos podem ser considerados ventos reais ou verdadeiros? Essa é a afirmação que o mundo moderno vive "senão se pode ser comprovado, não pode ser verdadeiro". Com tal pergunta, Heschel faz sua crítica ao homem moderno e novamente ao pensamento racionalista. 'O homem moderno' tem como suposição básica uma perspectiva de que a realidade ou veracidade das coisas são apenas físicas e com isso todas as outras "não-materias" e não comprováveis por experiência científica não são válidas como sendo real, por exemplo: orar ou sentir a presença de Deus. Mas, voltando à pergunta; como sabermos se nossos *insights* são reais, são verdadeiros e de fato não são projeções de nossos ideais? E como saber se nossas interpretações são corretas? Para Heschel tão ideia de *insight* "teria de ser uma ideia fundamental, suprema, digna de servir como identificação para o divino e ao mesmo tempo a ideia máxima no pensamento humano, uma ideia universal"[26], ou seja, o *insight* não deve ser apenas algo pessoal no sentido de que só serve para aquele que teve em si o "lampejo", mas sua dimensão é uma realidade que perpassa todas as épocas. Não é só para um homem, mas para todos os homens, pois o que é bom para todos os homens é bom para cada um e vice-versa.

A ideia de que o ser humano não é apenas um ser aberto para o transcendente, mas também buscado por esse ser transcendente, traduz-se para Heschel na ideia de que o ser humano é mais do que isso, ele é potencialmente capaz de responder essa procura. É nesta capacidade de relacionar-se e de dar respostas que o homem pode encontrar a redenção e respostas em sua própria história. Como foi abordado neste trabalho, ao longo dos capítulos, a história da filosofia tem mostrado a possibilidade do estudo acerca da realidade de Deus[27], mas, afinal, podemos falar acerca de Deus? É possível um "conceito religioso" substituir uma veracidade lógica científica (pois a ciência tem sua base na tentativa de observar e compreender a natureza e descrever em termos racionais)? Mas, também foi mostrado; que a ciência não é o único caminho para se chegar à verdade e seus métodos não representam todo o pensamento

---

[25] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 175.
[26] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 208.
[27] "Deus não é um problema científico, e métodos científicos não são capazes de entendê-lo. A razão por que os métodos científicos muitas vezes são considerados capazes de resolvê-lo é o sucesso de aplicação às ciências positivas. A falácia envolvida nesta analogia é a de tratar Deus como se ele fosse um fenômeno dentro da ordem da natureza. A verdade, contudo, é que o problema de Deus não é apenas relacionado ao fenômeno dentro da natureza, mas à própria natureza; não apenas a conceitos dentro do pensamento, mas ao próprio pensamento. "É um problema que se refere ao que suplanta a natureza ao que está além de todas as coisas e conceitos." (HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 134).

humano, de certo modo que a ciência está defasada no que diz respeito à revelação de Deus ao homem nos eventos ao longo da história. Se tomarmos como base a Bíblia veremos que ela não é apenas um sistema de norma ou até mesmo de um ato de fé, mas um registro de acontecimentos histórico de um povo que ao longo do tempo através dos eventos foram tendo um relacionamento, um encontro com Deus. O povo da Bíblia é um povo envolvido pela história, pois história e o tempo são reveladores de Deus. Ao contrário de outras crenças que tinham deus como associado a lugares e coisas, o Deus dos profetas falou por intermédio dos eventos na história: o Redentor da escravidão, o Revelador da Torá e outros eventos que fizeram de Deus um Deus preocupado com o seu povo. Foram alguns desses eventos que fizeram com que o homem sempre acreditasse que Deus estava do seu lado como um libertador que se relaciona conosco ao longo de nossa vida.

> Os eventos dos quais a religião se derivou e os mementos particulares no tempo em que Deus e o homem se encontraram são fundamentais para o judaísmo como a eternidade da justiça e compaixão Divina, além da verdade generalizada de que Deus e o homem permanecem todo o tempo em mútuo relacionamento.[28]

O homem bíblico percebe a presença de Deus através de suas manifestações no mundo e na história humana. Mas essa presença não é notada apenas por uma percepção intuitiva do divino tornando Deus um objeto conhecido, mas, antes de tudo, é um entendimento pessoal em que o emocional e o racional não se separam dando ao homem uma possível ideia de Deus. Essa revelação de Deus nos eventos se dá por uma relação pessoal, pois se apresenta ao homem por meio de uma forma transitiva. Isto é, por um encontro interpessoal. Para Heschel, Deus se revela de modo pessoal e essa percepção de Deus não se separa de suas expressões. É essa a expressão maior do *pathos* divino no qual Deus é sentindo pelo homem através do amor revelado ao longo da história do povo, nos eventos celebrados e na dedicação de lembrar-se desse amor em suas práticas religiosas.

> O Deus do filósofo é um conceito derivado de ideias abstratas; o Deus dos profetas é derivado de atos e eventos. A raiz da fé judaica é, pois, não uma compreensão baseada em princípios abstratos, mas uma profunda *dedicação aos eventos sagrados*; crer é lembrar, não meramente aceitar a verdade de uma série de dogmas. Nossa dedicação é expressa por nosso modo de celebrá-los, pela leitura semanal do Pentateuco, mas propriamente do que pela recitação de um credo. Ignorar estes eventos e dar atenção apenas para o que Israel aprendeu nestes eventos é desprezar um aspecto essencial.[29]

---

[28] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 256.
[29] HESCHEL, *Deus em busca do homem.* p. 270.

As considerações — embora parciais — podem nos apresentar a ideia de que Deus age através da história — como *pathos* divino dá um significado de que essa ação tem implicações antropológicas, mas isso não significa que tenha feito Deus um objeto do *antropomorfismo*, isto é, atribuir a Deus feições ou qualidades humanas. Na história Deus participa dos eventos da humanidade, sempre reagindo ao sofrimento do homem, censurando e repreendendo as ações de injustiças ou dando palavras de consolo e com isso de tal forma influenciando na vida ética e moral do homem. Portanto, o *pathos* não tem como finalidade atribuir a Deus qualidades humanas, mas sim alargar os horizontes da vida humana o que desrespeita seu senso de justiça e de levar o homem assumir com mais responsabilidade o caminho da humanização tendo como meta os valores mais altos de maturidade. Com isso, há no mundo atual uma busca pelo pensamento que foge do mundo moderno da correia das metrópoles. Tem sido buscado um pouco de judaísmo, budismo, ou até mesmo uma "religiosidade" que te deixe bem no mundo e proporcione uma fuga das dificuldades da vida. Com esse vazio existencial que se vive no mundo moderno é que começa a se entender tais buscas pela religiosidade, uma religiosidade descomprometida. O propósito desse resumo foi mostrar que mesmo hoje, no século XXI, o mundo modernizado tem a necessidade de buscar por algo que transcende os propósitos desse mundo e de levá-lo além daquilo que o deixa preso nas amarras de seus desejos. De fato, a proposta de Heschel era dar ao homem a condição de voltar a Deus, pois o estilo de vida que o homem vivia na modernidade o desfigurava.

A figura de Deus, conforme foi mostrada, era de um Deus distante e indiferente aos sofrimentos humanos. Com isso, o homem deixou de lado sua "dependência", tomando consciência de si e tornando-se um indivíduo autônomo, desligado dos cuidados de Deus. Apresentamos o pensamento de Heschel e a sua pretensão de instaurar uma filosofia situacional, na qual o sujeito se expressa conforme sua situação de vida. Por isso, um dos propósitos é mostrar sua preocupação em descrever os sentimentos pertinentes aos desejos e anseios dos homens. Através da experiência religiosa de Heschel, vimos o quanto é importante pôr em prática aquilo que dizemos e que somos e foi, justamente isso que fez Heschel pôr em prática sua intimidade com Deus refletida em ações. Sendo Heschel religioso e também considerado profeta do seu tempo, possui material essencial para ver o quanto o homem andou distante de Deus, descrentes da existência do divino. A vida de Heschel contribui bastante para compreendemos o sentido da sua filosofia. Esse autor é considerado um filósofo da religião, mas não um filósofo qualquer sem compromisso com a causa da justiça e do agir ético. Sua filosofia era situacional pelo motivo de que o discurso se impõe de tal forma sobre o sujeito, que o orienta e o anima a buscar relações com os outros, com o mundo e com Deus.